

O Indez: Na história de uma família, a formação dos Campos Gerais

*Aline Jasper*¹

Para além da história geral, oficial, passada pelos livros didáticos, a história de uma família pode retratar de forma singular a memória de uma região. E é isso que Jussara Salgado Bittencourt consegue fazer no livro “O Indez – Nossa vida, nossa lida”, publicado em 2013 pela Editora Estúdio Texto.

A história de Ponta Grossa e dos Campos Gerais, em especial da área rural, ainda é pouco contada com minúcias. Descrições das atividades econômicas e sociais dessa região são raras, e é essa lacuna que a autora consegue preencher parcialmente com o relato da história de sua família, desde o casamento de sua bisavó, Ernestina Villela (filha do Comendador Bonifácio Villela, figura ilustre da sociedade ponta-grossense no século XIX) com Manoel Vicente Bittencourt Júnior (que ela chama “Vô Nequinho”, também vindo de família ilustre – era filho do primeiro prefeito eleito de Ponta Grossa, Manoel Vicente Bittencourt) em 1888, até suas lutas diárias para manter a fazenda leiteira, em 2011.

Com um formato peculiar e agradável à leitura, “O Indez” constrói a narrativa por meio de cartas escritas pela autora à bisavó Ernestina, como se dialogasse com o personagem histórico. Aliado a isso, a autora usa documentos, revistas e jornais, fotografias antigas e recentes (tanto do acervo da família quanto da Casa da Memória de Ponta Grossa), citações científicas e dados para contextualização histórica, além de relatar acontecimentos com base em entrevistas com parentes e a própria vivência.

O contraponto constante entre dados históricos, relatos pessoais e os costumes atuais faz com que o livro trate de assuntos como sustentabilidade, a emancipação feminina e a agricultura moderna fazendo contraste com os costumes do final do século XIX e início do século XX.

Para além disso, a autora descreve vários aspectos da sociedade urbana e rural de

¹ Mestranda em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: aline.jasper1@gmail.com

Ponta Grossa nessa época, abrangendo diversas frentes para conseguir contextualizar de forma ampla sua história familiar.

Com uma argumentação que tem fundamentos no feminismo, Bittencourt faz de forma eficiente um retrato da vida da mulher em Ponta Grossa no final do século XIX. Descreve as atividades femininas, suas atribuições, seus direitos e deveres, além de apontar incisivamente para um protagonismo feminino (já no final do século XIX) na gestão da casa e um início de emancipação. Visto por esse ângulo, a história das personagens femininas da família Villela Bittencourt simboliza eficientemente o caminho percorrido pelas mulheres brasileiras, paranaenses e, especificamente, ponta-grossenses até a emancipação feminina. A autora deixa isso claro já no início do livro, quando cita que o contrato de casamento da bisavó seria nada mais que uma transmissão de posse.

Da fazenda, da data em que escrevo, gostaria de fazer uma consideração das mais delicadas que se possa imaginar aí na sua época. Quando vocês se encontraram, a mulher passava do pai para o marido através de um contrato que chamava casamento. Aí, as ricas casavam por conveniência e às pobres só faltava serem escrituradas como escravas. É o que consta na literatura de antanho. Dois donos decidiam o futuro daquela que seria o esteio, o cerne das vidas ao redor da família. O que mais me intriga é o ano do seu matrimônio. Exatamente o mesmo da Abolição da Escravatura. Dali em diante a população negra passaria a ter liberdade, a mulher não. Ela vem conquistar o direito de voto 44 anos depois, em 1932. (BITTENCOURT, 2013, p. 13)

Os ritos femininos, como a costura, as benzedeadas e o parto, são descritos em pormenores, sendo que a criação dos filhos é tratada como um elo de ligação entre as gerações de mulheres da mesma família.

A imigração, em suas fases diferentes, primeiro de holandeses, depois de alemães, russos, ucranianos e outras etnias, também é um assunto abordado na obra. Os holandeses,

com sua instalação primeiro em Gonçalves Junior, comunidade situada perto de Irati, e depois em Carambeí, distrito de Castro, têm sua história contada com base em documentos e relatos da época, como o de Dirksje Bezemer, garota que aos 15 anos trabalhava como empregada doméstica em Ponta Grossa, onde ganhava um ordenado de quinze mil réis, suficiente para um par de sapatos e um saco de farinha ou 16 litros de querosene. Como muitos colonos holandeses da época, Dirksje e sua família emigraram novamente, dessa vez buscando melhores condições no Canadá. No entanto, como aponta a autora, muitas famílias ficaram no Brasil e fundaram aquela que seria a primeira cooperativa agrícola do país.

Bittencourt descreve fatos históricos como a estadia do maragato Gumercindo Saraiva e suas tropas em Ponta Grossa em 1894, durante a Revolução Federalista e a construção da Estrada de Ferro da Brazil Railway Company e sua influência na Revolta do Contestado.

Uma boa parte da história da família Villela Bittencourt, e, conseqüentemente, do livro, é atrelada aos ciclos econômicos dos Campos Gerais. Começando pelo tropeirismo de mulas - que afinal de contas fundou a região -, a autora descreve e detalha a influência das atividades econômicas na sociedade e na sua família. A extração de cal, atrelada ao tropeirismo por depender das mulas que carregavam os cestos nas minas e às cidades, desenvolve a região do Abapã, entre Ponta Grossa e Castro.

A produção de erva-mate, com seus ritos de corte, secagem e pilagem, caracteriza mais um ciclo econômico da região, que se mantém até hoje: o Paraná ainda é o maior produtor de erva-mate do país. A pecuária extensiva se instala na região no início do século XX, produtiva por conta da abundância de pastos, mesmo nos meses de inverno. Em seguida vem a extração de madeira, que sustenta a serraria da família Bittencourt, viabilizada pela abundância da Mata Araucária. Com a evolução tecnológica do século XX, se desenvolve na região a agricultura comercial, e posteriormente, a produção leiteira.

A mudança da família, em 1912, do meio urbano de Ponta Grossa para a Fazenda Boa Vista, a 36 km da cidade, em carroções puxados por bois e com um bebê recém-nascido que morre durante a viagem, é uma descrição precisa das condições de transporte na época.

Outras descrições feitas de forma minuciosa e, por isso, preciosas, são as dos costumes rurais da região. A autora pinta um retrato detalhado dos puxirões (mutirões para limpeza de terrenos ou para a lida com o gado, que se tornavam festas com banquetes e bailes), Mesadas

de Anjos (almoços para crianças, em que eram agradecidas bênçãos recebidas depois de promessas para o santo da devoção), o sistema de compadrio (a escolha dos padrinhos, mesmo para batismos em casa, era feita com muito cuidado), romarias (comemorações em honra aos santos) e mesmo da “adequada” (produção de sabão de cinzas).

Assim, “O Indez” conta de forma irreverente e detalhada, na saga de uma família, a história tão peculiar da formação dos Campos Gerais, passando por Ponta Grossa, Castro, Carambeí, Abapan, a Fazenda Boa Vista e, por fim, a Fazenda Potreiro Grande e o Vilarejo do Lago.

O objetivo, segundo a autora, é de resgatar a memória de um tempo passado e a genealogia da família Villela Bittencourt. “Quando decidi escrever estas cartas, reunir todas as fotos, documentos e contar os seus 'causos', foi com a intenção de manter vivas as memórias e o empenho que foi a compra da Fazenda Boa Vista, talvez então nossos pósteros consigam visualizar melhor a época e o feito, por meio destas cartas” (BITTENCOURT, 2013, p.73). No entanto, a obra consegue muito mais: é um retrato preciso da formação de toda uma região. Isso só reforça a ideia de que a história das pessoas pode contar muito mais da história do mundo do que dizem as fontes oficiais.

BITTENCOURT, Jussara Salgado. **O Indez**: nossa vida, nossa lida. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2013. 252p.